

..... **Artigo**

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2022i32e57082>

De Roma a Sodoma: Uma análise estruturalista de Orphéus, Eurydikē e Lot

Gustavo Ruiz da Silva¹

Eberval Gadelha Figueiredo Jr.²

RESUMO

Este breve ensaio busca, através da análise estruturalista e distanciada indicada por Lévi-Strauss, aproximar o conjunto de funções literárias das relações presentes entre os personagens principais do mito de Orphéus e Eurydikē, fundadores dos mistérios órficos da Antiguidade Clássica, e de Lot e sua esposa, apresentados no Livro de Gênesis. Os pontos correlacionados são: o ponto de partida da jornada de ambos os casais, a figura mítico-mágica que anuncia a saída, o olhar para trás da figura feminina e a punição sobre elas exercida.

Palavras-chave: Estruturalismo; Lévi-Strauss; Orphéus; Eurydikē; Lot.

From Rome to Sodom: A Structuralist analysis of Orphéus, Eurydikē and Lot

Abstract

This brief essay seeks, by means of the structuralist and detached analysis indicated by Lévi-Strauss, to bring the set of literary functions closer to the relations present between the main characters of the myth of Orphéus and Eurydikē, founders of the orphic mysteries of Classic Antiquity, and Lot and his wife, presented in the Book of Genesis. The correlated points are the starting point of the journey of both couples, the mythical-magical figure that announces the departure, the look behind the female figure, and the punishment exercised on them.

Keywords: Structuralism; Lévi-Strauss; Orphéus; Eurydikē; Lot.

De Roma a Sodoma: Un análisis estructuralista de Orfeo, Eurydikē y Lot

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade de Warwick (Reino Unido) e na Universidade Monash (Austrália). Graduado em Filosofia (Universidade de São Paulo, Brasil). Bolsista da Monash-Warwick Alliance Joint PhD Scholarship. Sou membro do “Grupo de Pesquisa Michel Foucault” na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil). Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1149-5411> Lattes <http://lattes.cnpq.br/1794406502986665> contato email ruizdasilva.gustavo@icloud.com

² Graduando em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP). Desenvolveu pesquisa de iniciação científica na área de Filosofia do Direito. Orcid <https://orcid.org/0000-0001-5971-3046> Lattes <http://lattes.cnpq.br/1794406502986665> contato email eb.jr@usp.br

Resumen

Este breve ensayo busca, a través del análisis estructuralista y distanciado señalado por Lévi-Strauss, aproximar el conjunto de funciones literarias a las relaciones presentes entre los personajes principales del mito de Orfeo y Eurydikē, fundadores de los misterios órficos de la Antigüedad Clásica, y de Lot y su mujer, presentados en el Libro del Génesis. Los puntos correlacionados son: el punto de partida del viaje de ambas parejas, la figura mítico-mágica que anuncia la salida, la mirada hacia atrás de la figura femenina y el castigo ejercido sobre ellas.

Palabras clave: Estructuralismo; Lévi-Strauss; Orphéus; Eurydikē; Lot.

1 INTRODUÇÃO: METODOLOGIA

Antes de adentrarmos os pormenores de nosso objeto (a seriação de dois mitos: Orphéus e Eurydikē, Lot e sua esposa), precisamos fixar e postular algumas concepções metodológicas para seguirmos nossas análises. Para tal, retornar-se-á o estruturalismo lévi-straussiano, que nos permitirá seriar os mitos em questão a partir de suas estruturas, garantindo a rigorosidade analítica aqui buscada para o entendimento das aproximações e inversões lá presentes.

Desta maneira, tal como indicado em “A Estrutura dos Mitos” (LÉVI-STRAUSS, 2008), o valor do mito se mantém para além de suas traduções, isto se dá pelo fato da insignificância da língua e “cultura da população em que foi colhido”, pois a “substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe [...]. O mito é uma linguagem [...] que trabalha num nível muito elevado, no qual o sentido consegue [...] descolar do fundamento linguístico no qual inicialmente rodou” (p. 255).

Segue-se que, pelo mito ser um ente linguístico, ele é formado de “unidades constitutivas” (mitemas), que estão em ampla relação com a “estrutura da língua, a saber, os fonemas, os morfemas e os semantemas”. Por essa razão, esses elementos próprios do mito, seus “feixes de relações”, operam como partituras de uma orquestra, em que “certos grupos de notas se repetem com intervalos, de maneira idêntica ou parcial, e que certos contornos melódicos, que se apresentam afastados uns dos outros, exibem analogias entre si” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 227).

Buscar-se-á, então, as “diversas disposições dos mitemas” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 229), em que o conteúdo não se encontra mais enquanto núcleo duro, mas sim como aquilo que será visto como forma, por exemplo, “os nomes próprios” serão, “por definição, descontextualizados” (p. 231), garantindo que possamos ver quais são as aproximações e afastamentos entre as estruturas internas de cada um dos mitos e como estas se correlacionam.

Assim, mesmo que os quadros analíticos não sejam idênticos entre si, perceber-se-ão

..... Artigo

“correlações significativas que permitem submeter o conjunto a operações lógicas, por simplificações sucessivas, chegando finalmente na lei estrutural do mito em questão” (p. 234).

No mais, postula-se também que “não existe versão ‘verdadeira’” do mito (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 236), mas sim “uma série de variantes combinatórias” que desempenham “a mesma função em contextos diferentes” (p. 240). Como se verá nos dois mitos seriados, tirar-se-ão os componentes de seus contextos, que não garantem sua originalidade, e estes serão colocados em uma série de recombinações lógicas que exprimirão, a partir de suas variantes, uma estrutura básica necessária para a operação dos mitos em questão.

Por fim, tal como será melhor explicitado na conclusão deste ensaio, observa-se que, tal como já prenunciado por Lévi-Strauss (2008, p. 246) em sua fórmula canônica do mito, a saber $Fx(a): Fy(b) \sim Fx(b): Fa-1(y)$, um dos termos será substituído por ser contrário, assim como se observará também uma inversão correlativa entre o valor de função e o valor de termo de dois elementos. Isto é, nas partes 1 e 2 dos mitos apresentados, serão invertidos um dos vetores constituintes do mitemas lá enunciados, possibilitando no segundo um encaminhamento oposto da valoração final referente aquilo apresentado no primeiro. O que se construirá, deste modo, se divide em quatro (4) núcleos que se apresentarão a seguir.

2 FEIXOS DE ANÁLISE

2.1 Feixo 1: Sobre a valoração do ponto de partida

Esta primeira unidade constitutiva se estabelece a partir do ponto de partida dos mitos. Ao seriarmos a estrutura das histórias de Lot e de Orphéus³, encontramos como paralelismo uma condição específica no processo de contextualização dos personagens. Iniciaremos por Orphéus e Eurydikē.

³ Sabemos que ambas as histórias apresentam continuidades distintas, contudo, nesta breve análise, manter-nos-emos focados no núcleo central dos mitos, resguardando-nos o direito de analisarmos o resto de suas histórias em outro momento.

O que se vê no texto de Ovídio (Metamorfoses, X, 1-85)⁴ é uma construção claramente negativa do submundo latino, então chamado de Hades ou Tártaro:

Nem palavras solenes, nem faces alegres, nem presságio feliz. Até mesmo o sibilante facho que ele segurou, esteve o tempo todo com uma fumaça lacrimosa e não encontrou chamas com movimentos [...] ousou descer pela porta do Tênaros⁵ até o Estige⁶ [...] reinos não amenos [...] Venceu Amor, este deus bem conhecido na região superior. Se existe também aqui, não sei (VEIGA, 2011, p. 106-109).⁷

Pela reconstrução do submundo Greco-latino, partindo do trecho supracitado de Ovídio, cabe dizer que o lugar habitual do homem antigo “*post mortem* é o escuro, insondável e bolorento [...] Hades, ao longo do rio Estige, no qual os mortos reviviam como sombras, desprovidos da vitalidade” (RAMOS, 2014, p. 187). Isto é, o ponto de partida da jornada do casal (Orphéus e Eurydíkē) se dá no Hades, um lugar qualitativamente valorado como um espaço de penitência, não necessariamente só de morte, mas numa negatividade que serviria de morada àquelas almas depravadas.

Similarmente, as cidades bíblicas de Sodoma e Gomorra são textualmente caracterizadas de modo negativo, como as moradas de indivíduos pervertidos, de costumes tidos como moralmente duvidosos pelo povo de Lot. Um exemplo disso pode ser encontrado em Gênesis 19:5, onde se lê o seguinte: “Chamaram Ló e lhe disseram: ‘Onde estão os homens que vieram à sua casa esta noite? Traga-os para nós aqui fora para que tenhamos relações com eles’” (tradução nossa)⁸. A caracterização pejorativa de Sodoma e Gomorra, contudo, difere daquela do Tártaro no texto de Ovídio, pelo fato de que o conteúdo negativado são os atributos de natureza moral, relativos à degeneração dos costumes locais aos olhos de Lot e de sua família, bem como aos olhos de Deus. Isso é mais uma vez expresso em Gênesis 19:15, onde os anjos ordenam Lot a fugir: “Ao raiar do dia, os anjos insistiam com Ló, dizendo: ‘Depressa!

⁴ Cf. OVID (2009). Uma outra versão deste mito também se encontra em Virgílio, Geórgicas, Livro IV, nos versos de número 453 a 527 (VIRGILE, 2003). Vale lembrar que lá, as gargantas do Tênaros também foram caracterizadas como o “bosque obscuro sob o negro temor”, em que “as sombras tênues e os espectros dos carentes de luz acorriam das moradas profundas do Érebo”.

⁵ Para os antigos, o Tênaros remetia ao “Ταινάριον κακόν”, um mal grande e ilegal que afetava aos suplicantes.

⁶ Estige é um dos rios infernais do Hades.

⁷ Tradução do autor. A versão original do texto em latim também pode ser encontrada no texto de Veiga (2011), tal como a versão de Virgílio aqui mencionada.

⁸ Texto original: “*And they called to Lot and said to him, ‘Where are the men who came to you tonight? Bring them out to us, and let us be intimate with them’*”. A expressão “*be intimate with them*” faz referência a relações sexuais, algo que fica reforçado em Gênesis 19:8, quando Lot oferece suas filhas virgens aos habitantes de Sodoma: “*Behold now I have two daughters who were not intimate with a man. I will bring them out to you, and do to them as you see fit; only to these men do nothing, because they have come under the shadow of my roof.*”

..... Artigo

Leve daqui sua mulher e suas duas filhas, ou vocês também serão mortos quando a cidade for castigada” (tradução nossa)⁹.

2.2 Feixo 2: Seres ontologicamente distintos

Nesta segunda unidade é onde encontraremos uma distinção estrutural entre os mitos. Se seguirmos Ovídio (Metamorfoses, X, 1-85), encontraremos que os seres responsáveis pela jornada a ser percorrida por Orphéus e Eurydíké são seres de qualidade ontológica distinta. Isto é, Hades e Perséfone são dois deuses, o deus do submundo e sua esposa, a deusa da primavera. O que cabe notar é que ambos os entes são próprios do espaço em que se encontram; são pertencentes ao Hades e lá encontram seu reino e extensão de domínio e poder. Segundo o poeta, Orphéus, buscando sua amada, “foi até Perséfone e ao senhor das sombras, que possui os reinos não amenos” e disse: “[...] Oh, divindades do mundo posto sob a terra no qual recaímos, tudo que é criado mortal”.¹⁰

Tal como será visto, o protagonista reconhece a dissimetria ontológica daqueles com o qual se comunica, mas, primeiramente, é Orphéus que os procura, ele é o forasteiro que chega à cidade dos mortos, e, secundamente, como apontado, as divindades de lá são próprias. No mais, sabemos também que Hades e Perséfone são temidos pelos humanos por encarnarem a realeza do submundo, do Inferno antigo. Esta relação será diametralmente oposta no mito aqui contrastado, em Gênesis 19:1, tal como se segue: “E vieram os dois anjos a Sodoma à tarde, e estava Ló assentado à porta de Sodoma; e vendo-os Ló, levantou-se ao seu encontro e inclinou-se com o rosto à terra” (tradução nossa)¹¹.

⁹ Texto original: “*And as the dawn rose, the angels pressed Lot, saying, ‘Get up, take your wife and your two daughters who are here, lest you perish because of the iniquity of the city’*”.

¹⁰ Segundo a versão de Virgílio: “e dirigiu-se aos manes, ao rei temível e aos corações que não sabem se abrandar com as súplicas dos homens”. Vale lembrar que os manes, para os antigos, eram as almas deificadas dos ancestrais, em outras palavras, eram as almas dos mortos. “Rei temível” se refere a Hades ou Plutão.

¹¹ Texto original: “*And the two angels came to Sodom in the evening, and Lot was sitting in the gate of Sodom, and Lot saw and rose toward them, and he prostrated himself on his face to the ground.*”

Ao ler o trecho, percebemos que, quando vemos a ordem das razões textualmente apresentadas¹², Lot e sua família já estavam instalados em Sodoma, o que já os fazia lá instalados. Isso faz com que, então, estes possam ser considerados já localizados em Sodoma, enquanto os anjos, que chegam à cidade posteriormente, sejam vistos como forasteiros no momento presente de sua introdução na história. Eles são ontologicamente distintos de simples mortais e provenientes do além do mundo dos homens. No relato bíblico, são as entidades sobrenaturais que se fazem forasteiras entre os seres humanos vivos, e não o contrário, como ocorre no mito greco-latino. Tal disparidade qualitativa torna-se ainda mais pronunciada quando se leva em conta que os anjos bíblicos são seres imaculados, os quais, no contexto do mito em análise, fazem-se presentes em um lugar tão pecaminoso e depravado quanto a cidade de Sodoma. Assim como Orphéus, Lot também chega a reconhecer a dissimetria metafísica inscrita entre si e esses seres sobrenaturais com os quais interage, ao prostrar-se diante dos recém-chegados anjos, com a face para a terra, em gesto de reverência.

2.3 Feixo 3: O olhar para trás

Segundo o mito de Orphéus e Eurydíké, temos um conjunto de dados acerca da noção de interdito que deve ser mais bem observado. O primeiro ponto, então, é a necessidade de enunciação do próprio interdito: nestas duas variações de mito, o não olhar para trás. Segundo a versão de Ovídio (*Metamorfoses*, X, 1-85), a proibição recai sobre Orphéus, a parte masculina do casal protagonista do mito, sem nenhum corpo enunciante. Isto é, apesar de termos o indicativo na versão de Virgílio de que o interdito teria sido imposto por uma potência feminina, Proserpina (versão latina de Perséfone)¹³, o núcleo mantido na história grega é o mesmo: quem deve seguir a norma imposta é o homem.

O segundo ponto que observamos, então, é que há uma certa tensão emocional que circunda a ação de transgredir o interdito: a transgressão se dá pela paixão. Segue transcrição:

Orfeu do Ródope¹⁴ recebe esta lei: não volte para trás os seus olhos, até que tenha se retirado dos vales Avernos, ou os presentes seriam inúteis. É percorrido, através dos silêncios mudos, íngreme, árduo, obscuro, denso em

¹² Tal procedimento já foi realizado por Lévi-Strauss (2009) em relação aos estudos bíblicos quando o mesmo também pontua o livro de Gênesis no Antigo Testamento.

¹³ No texto de Virgílio (*Geórgicas*, Livro IV, verso 487): “(Prosérpina tinha imposto esta lei)”. Cabe ressaltar que Prosérpina é um dos nomes da Rainha dos Mortos, esposa de Plutão.

¹⁴ A Trácia era uma região localizada no nordeste da Grécia. O Ródope é uma das principais montanhas da região. “Vate do Ródope” é epíteto de Orfeu.

..... Artigo

escuridão opaca, o caminho. Nem estavam longe do limite da terra superior. Ele, temendo se afastar e ávido por vê-la, voltou, apaixonado, os olhos.¹⁵

Como mostrado, a avidez de Orphéus o fez transgredir o interdito que lhe fora anunciado, encaminhando a história para o que veremos logo a seguir. Contudo, cabe-nos, agora, analisar o referente em Gênesis. No texto bíblico, talvez a diferença mais óbvia em relação ao mito latino seja o fato de que o interdito vale para todos, apesar de o anjo ter-se dirigido a Lot, conforme Gênesis 19:17, onde pode-se ler: “E aconteceu que, tirando-os fora, disse: ‘Escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti, e não pares em toda esta campina; escapa lá para o monte, para que não pereças’” (tradução nossa)¹⁶.

A validade do interdito para todos, não apenas para o homem (no caso, Lot), torna-se evidente quando vemos que é a mulher de Lot que desobedece a recomendação angélica, ato pelo qual é prontamente penalizada, conforme Gênesis 19:26, onde está escrito: “Contudo a mulher de Lot olhou para trás e transformou-se em uma estátua de sal” (tradução nossa)¹⁷.

O texto nada dispõe em específico quanto àquilo que teria motivado a transgressão. Contudo, sabemos o bastante de modo a poder dizer que certamente a mulher de Lot, diferentemente de Orphéus, não olhou para trás por paixão, mas quiçá por curiosidade ou espanto, sentimentos de natureza mais leviana.

2.4 Feixo 4: A punição feminina

Segue-se, então, para a última parte constituinte aqui seriada, em que se finda o caminho percorrido pelos casais protagonistas de suas histórias. Como apresentado na versão de Ovídio (Metamorfoses, X, 1-85) do mito de Orphéus e Eurydíké, segue-se, logo em seguida do supracitado:

Ele, temendo se afastar e ávido por vê-la, voltou, apaixonado, os olhos, e imediatamente ela retrocedeu, e estendendo os braços para ser abraçada e

¹⁵ Na versão de Virgílio: “parou e para a sua Eurídice, já sob a luz, esquecido e, ai!, vencido da paixão, olhou”.

¹⁶ Texto original: “*And it came to pass, when they took them outside, that he said, ‘Flee for your life, do not look behind you, and do not stand in the entire plain. Flee to the mountain, lest you perish’*”.

¹⁷ Texto original: “*But his wife looked back from behind him, and she became a pillar of salt*”.

querendo abraçar, a infeliz nada abraçou a não ser os ares frouxos. E já morrendo pela segunda vez de nada se queixa de seu esposo (de que, de fato, se queixaria, exceto de ter sido tão amada?). E pela última vez disse “adeus”, que ele já a custo recebeu nos ouvidos, e de novo ela precipitou para o mesmo lugar.¹⁸

Como indicado, o responsável pela quebra do interdito foi a figura masculina, Orphéus, que mesmo sabendo da proibição explícita acerca de olhar novamente para sua amada antes da saída do submundo, voltou-se para a mesma num gesto de paixão. O ponto, contudo, é que, mesmo o interdito tendo sido direcionado a Orphéus e ele tendo sido aquele a transgredir, a punição da segunda morte recaiu sobre a figura feminina de Eurydíké.

A situação, no entanto, mostra-se diferentemente naquilo que é narrado em Gênesis, visto que lá a transgressão é cometida não por Lot, mas por sua mulher, a figura feminina do mito. Conforme dispõe o já reproduzido texto de Gênesis 19:26, a mulher de Lot é imediatamente sancionada por sua infração, sendo transformada em uma estátua de sal ao olhar para trás durante a travessia da planície, indo contra a recomendação dada a Lot pelo anjo. Assim, ao passo que as consequências imediatas da transgressão só recaiam sobre o transgressor no relato bíblico, eis que em ambos os mitos tais consequências recaem sobre a figura feminina, seja ela de fato responsável ou não pelo ocorrido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como supracitado, diversas características são mutuamente encontradas nos referidos mitos. O que se fez aqui, então, foi seriá-los e reparti-los em partes constituintes que se correlacionariam entre si. Tomou-se como ponto de partida o método estruturalista indicado por Lévi-Strauss, em especial tal como indicado no texto “A estrutura dos mitos”.¹⁹ Isto posto,

¹⁸ Segundo a versão de Virgílio (Geórgicas, Livro IV): “Nesse momento, todo o trabalho foi perdido, e a lei do cruel tirano [Plutão ou Hades] foi infringida, e três vezes foi ouvido um estrondo nos lagos do Averno [Inferno]. Ela disse: ‘Quem, ó Orfeu, perdeu a mim, mísera, e a ti? Que tamanha loucura? Eis que os destinos cruéis pela segunda vez me chamam de volta e o sono encerra meus olhos amortecidos. E, agora, adeus: sou levada rodeada por uma noite imensa e estendendo a ti as inválidas mãos, ai!, já não sou mais tua’. Disse e subitamente fora das vistas, como o fumo tênue misturado às brisas, afastou-se em sentido contrário e, agarrando inutilmente as sombras e desejando dizer muito, não mais o viu, e o barqueiro do Orco [Caronte, responsável pela condução das almas através do rio Estige] não mais lhe permitiu atravessar a lagoa em frente. O que faria? Para onde se dirigiria, uma vez que a esposa lhe foi duas vezes raptada? Com que lamentação comoveria os manes? Quais deuses, com a voz? Ela, porém, já fria, navegava na barca estígia”. Os textos entre colchetes são intervenções dos editores deste ensaio, tal como apresentado na tradução aqui utilizada (VEIGA, 2011, p. 97-100).

¹⁹ Como indicado por Morava (2003) acerca da fórmula canônica, “*two groups are isomorphic [...] Similarly, an anti-isomorphism of groups is an invertible transformation [...] the product of the image elements, in the reverse order*”. Tradução: “dois grupos são isomórficos [...] Da mesma forma, um anti-isomorfismo de grupos é uma transformação invertível [...] o produto dos elementos da imagem, na ordem inversa”. No mais, como apontado

Revista Ponto e Vírgula, São Paulo, n32e57082
e-ISSN: 1982-4807
DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.20>
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP
<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

..... Artigo

explicitou-se uma série de continuidades e variações nas unidades estruturais das versões deste mito aqui em questão.

O primeiro mitema que tem sua manutenção entre os textos aqui apresentados é aquele referente à contextualização do ambiente em que o mito se passa. Como já enunciado, o que se busca aqui não são os conteúdos específicos de cada mito, mas sim suas formas e estruturas relacionais, por tal razão, o que se colocou em foco aqui foram as (des)valorizações e adjetivações atribuídas aos espaços dos mitos. O primeiro deles, de Orphéus e Eurydíké, se faz no Hades, submundo da cultura greco-romana, lugar de repouso *post-mortem* das almas desprovidas de vida; já o segundo, de Lot e sua esposa, acontece em Sodoma, lugar textualmente construído como o outro da moral cristã, lugar de depravação daqueles sem moral. Ambos os espaços são a antítese do elevado, do celestial e do bom.

O segundo mitema, contudo, apresenta uma certa peculiaridade, apesar de sua existência enquanto feixe constituinte, pois o conjunto de relações acontece de modo invertido; isto é, os polos se mantêm, mas tomam posições estruturais opostas entre si. A manutenção encontrada foi o gesto de chegada de um certo forasteiro e também a distinção ontológica entre o que chega e aquele que já se encontra. Contudo, a ordem de apresentação dos personagens se mostra alterada: o que chega, no caso do mito órfico, é aquele ontologicamente inferior; é o humano que vai ao encontro daquele que já lá estava, o ser divino, Hades e sua esposa Perséfone (deuses do submundo e da primavera, respectivamente). No caso de Lot, os que vão ao encontro daqueles que já se encontram são os anjos; quem efetiva o movimento é o divino, não o mundano e moral.

O terceiro mitema analisado, então, segundo a mesma lógica do anterior, apresenta uma manutenção estrutural e uma inversão. Enquanto, por um lado, em ambos os casos a transgressão do interdito consiste no gesto de voltar o olhar para trás, a figura que transgride está invertida em cada mito em relação ao outro. Enquanto no mito órfico a transgressão é

por Darányi, Wittek e Kitto (2014), “*We also demonstrated that there exist families of narrative formulae, some with double inverted values in their arguments, some without, which all share the same group structure*”. Tradução: “Também demonstramos que existem famílias de fórmulas narrativas, algumas com valores duplos invertidos em seus argumentos, outras sem, as quais compartilham a mesma estrutura de grupo”.

cometida pela figura masculina, isto é, por Orphéus, no relato bíblico a transgressora é a figura feminina, ou seja, a mulher de Lot.

O quarto mitema, que dialoga diretamente com o anterior, apresenta uma manutenção, dizendo respeito à punição da figura feminina, quer tenha sido ela a transgressora, quer não. No mito greco-latino, por mais que a transgressão tenha sido cometida pelo homem, Orphéus, a punição recai sobre a mulher, Eurydíké. No texto bíblico, por sua vez, a transgressão foi cometida pela figura feminina, representada pela mulher de Lot, e a punição recai não sobre Lot ou sobre outra pessoa, mas sobre ela mesma.²⁰ Assim, a punição da figura feminina é mantida em ambos os casos, independentemente de quem tenha sido de fato culpado pela transgressão. No caso do relato bíblico, no entanto, por mais que haja essa manutenção da punição feminina em relação ao mito órfico, ocorre uma transferência da responsabilidade: aquela que efetiva a transgressão é o feminino, pois é ele que carrega consigo o pecado da curiosidade.²¹ Se antes o mito expressava uma certa “injustiça” ao estender a punição da transgressão do homem à mulher, agora a vítima é responsável por sua própria punição: a mulher é aquela responsável por sua própria derrocada. Segue Tabela Comparativa:

Quadro 1 - Tabela Comparativa

	Lot e Esposa (Ge 17:19)	Orphéus e Eurydíké (Ovídio)	Relação entre as partes do mito
Unidade Constitutiva 1	Ambiente (Oposto do divino)		Mantida
	Sodoma	Hades	
Unidade Constitutiva 2	Distinção qualitativa entre os seres		Mantida

²⁰ Havemos de perceber, ainda, que a mulher de Lot não possui nome próprio no texto bíblico, sendo referida apenas em função de seu marido.

²¹ Segundo Ayoub (2011, p. 45), em Agostinho “existem três tipos de concupiscência pelos quais a alma vive voltando-se para as coisas sensíveis e assemelhando-se aos animais, são eles: a concupiscência carnal, a curiosidade e o orgulho”. A concupiscência dos olhos é caracterizada pela tentação da curiosidade frívola despertada no homem (MORAES; GONÇALVES, 2013).

Recebido em: 2022-01-10

Aprovado em: 2023-05-05

Revista Ponto e Vírgula, São Paulo, n32e57082

e-ISSN: 1982-4807

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.20>

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP

<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>

..... Artigo

	Movimento de chegada encaminhado pelo ser imortal/divino	Movimento de chegada encaminhado pelo mortal/humano	Invertida
Unidade Constitutiva 3	Interdito do gesto de se olhar para trás		Mantida
	Homem olha para trás	Mulher olha para trás	Invertida
Unidade Constitutiva 4	Punição divina		Mantida
	A vida é retirada da figura feminina		

Fonte: Os autores.

REFERÊNCIAS

AYOUB, C. N. A. **Iluminação trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2011.

BIBLE [The]. **The Bible**: King James Version [1611]. Londres: Cambridge Edition, 1900.

DARÁNYI, S.; WITTEK, P.; KITTO, K. The Sphynx's New Riddle: How to Relate the Canonical Formula of Myth to Quantum Interaction. *In*: ATMANSPACHER, H.; HAVEN, E.; KITTO, K.; RAINE, D. (eds). **Quantum Interaction**. QI 2013. Lecture Notes in Computer Science, v. 8369. Springer, Berlin, Heidelberg, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-642-54943-4_5.

MORAES, J. R.; GONÇALVES, P. S. L. A verdadeira religião segundo Santo Agostinho. *In*: ENCONTRO DE INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO, 3, 2003, Campinas. **Anais [...]**, Campinas: PUC Campinas, 2013. Disponível em: https://www.puc-campinas.edu.br/websist/Rep/Sic08/Resumo/2013820_10330_375703357_resIC-.pdf

LÉVI-STRAUSS, C. A estrutura dos mitos. *In*: LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Casac & Naify, 2008. p. 221-248.

LÉVI-STRAUSS, C. A lição de sabedoria das vacas loucas. **Estudos Avançados**, v. 23, n. 67, p. 211-216, 2009.

MORAVA, J. **On the canonical formula of C. Lévi-Strauss**. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.48550/arXiv.math/0306174>.

OVID. **Ovid's Metamorphoses**. Edited, with introduction and Commentary, by William S. Anderson. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2009.

RAMOS, M. Do bolorento Hades à utopia dos Campos Elísios. *In*: VIEIRA, F.; CASTILHO, M. T. (org.). **Estilhaços de Sonhos: Espaços de Utopia**. Quasi Edições, 2014. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/39381/2/manuelramosdobolorento1000113082.pdf>.

VEIGA, P. E. B. **Virgílio e Ovídio, poetas de Orfeu: um estudo sobre a poética da expressão, seguido de tradução e notas**. 2011. 129f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, 2011.

VIRGILE. **Géorgiques**. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

Recebido em: 2022-01-10

Aprovado em: 2023-10-22



Esta obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada